

Publica-se nos dias  
1 e 15 de cada mês

**Assinaturas**

Continente e Ilhas 24\$00  
Ultramar 29\$00  
Estrangeiro 35\$00  
(Séries de 24 números)  
Pagamento adiantado

# A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Proprietário: dr. Alberto Teixeira Forte

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense

Director e Editor

Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Neutel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

## Uma Estrada da maior projecto regional e nacional

De valor tantas vezes enca-  
recido, continua a fazer-se sen-  
tir a falta da rodovia com que  
em tempos, se projectou ligar  
Castanheira de Pera à vila do  
Espinhal.

Foi então considerada de  
primeira necessidade para o  
desenvolvimento económico e  
social duma vasta zona, hoje  
pertencente aos concelhos de  
Penela, Figueiró dos Vinhos e  
Castanheira de Pera e tanto  
assim que se iniciou o traçado  
nos dois extremos atingindo-  
se do lado de Castanheira a  
povoação de Fontão de Pera  
do lado do Espinhal o lugar  
das Relvas.

Depois... bem, depois tu-  
do parou por razões que se  
ignoram.

Passou, entretanto, mais de  
meio século e é oportuno per-  
guntar se nesse lapso o inte-  
resse primitivo da obra se  
manteve, desapareceu ou au-  
mentou.

A quem conheça a geogra-  
fia do terreno a percorrer por  
quem do Norte Litoral do País  
se dirija para Este, entre Mon-  
dego e Tejo, especialmente se  
tiver de fazer escala em Casta-  
nheira de Pera ou Figueiró  
dos Vinhos, aquela, zona indus-  
trial atamada e esta cen-  
tro comercial de não menos  
renome; uma e outra regiões  
turísticas das melhores de Por-  
tugal, fácil se é forma compre-  
ender que a estrada em ques-  
tão é duma importância trans-  
cendente actualmente.

Lembremos a caminhada  
inútil que traz ao Pontão—es-  
trada de Tomar — quem de  
Coimbra tem de se deslocar  
ao Norte do distrito de Leiria,  
querendo evitar a perigosíssima  
estrada da serra da Lousã,  
tão pitoresca como o é a es-  
calada da Ribeira de Alge, mas  
nada tranquilizadoras para a  
integridade do viajante desco-  
nhecedor do terreno, mormen-

te se viajar de noite ou no In-  
verno.

Mas, pouco é o que fica, se  
meditarmos no contrangedor  
estado de isolamento em que  
*dormem* tantas povoações per-  
didas nas quebradas da serra  
e para as quais seria de vital  
importância a abertura da es-  
trada que as atravessaria, en-  
cadeando-as com centros mais  
privilegiados social e econó-  
micamente. Seria a salvação...  
já que sem caminhos transitá-  
veis, sem água, sem electricida-  
de, sem telefone, *ibernam* en-  
tre teras e rochedos alcantila-  
dos.

Também os serviços de Tu-  
rismo lucrariam imenso com a  
abertura da ligação Fontão da  
Ribeira de Pera—Relvas, pois,

Continuação da 4.ª página

### Francisco R. Ferreira

Como habitualmente na quadra  
do Natal, quis este nosso preza-  
do amigo e abastado armazenista  
local levar um pouco de confort-  
to a alguns lares mais desfavore-  
cidos da fortuna.

Este ano foram as criancinhas  
das Escolas o alvo principal do  
seu carinho, cabendo a 50 de  
ambos os sexos fatos pré-confe-  
ccionados, iniciativa em que, co-  
mo sempre, colaborou sua Ex.<sup>ma</sup>  
Esposa—sr.<sup>a</sup> D. Palmira Rodrig-  
ues Ferreira.

Realçamos tão belo gesto e fa-  
zemos votos por que ele consti-  
tua semente para novas searas  
de caridade.

### Jornadas de Caridade

Pelas senhoras que compõem  
nesta vila a L. I. A. M. e o Mo-  
vimento Nacional Feminino fo-  
ram recentemente distribuídas  
aos pobres roupas e agasalhos  
e também géneros de mercearia  
às famílias dos militares em ser-  
viço no Ultramar.

Daqui aplaudimos tão simpá-  
ticos e altruísticos actos, que se-  
ria óptimo ver frutificar cada vez  
mais.

### António Dias Coelho

No mundo conspurcado de vi-  
leza e materialismo em que vive-  
mos, surgem de quando em vez  
rasgos de autêntico humanismo,  
prova de que o ceptro é ainda  
do Espírito.

Felizmente assim! Ainda on-  
tem, lemos em missiva que tanto  
apreciámos e tão profunda-  
mente nos sensibilizou este con-  
ceito lapidar;

—*Só quem vive com um rumo,  
só quem não esqueceu de todo o  
seu semelhante, pode encontrar  
algum prazer na existência.*

Afirmava-o o nosso querido  
amigo e ilustre representante em  
Santos (Brasil) sr. António Dias  
Coelho em carta na qual confir-  
mava mais uma vez, a costuma-  
da remessa de 1.000\$00 com que,  
anualmente, e em sufrágio da  
alma de seu irmão Noé Dias  
Coelho, contribui para a Casa  
da Criança de Figueiró dos Vi-  
nhos.

Mais, dizia-nos aquele ilustre  
cidadão que a partir do ano ora  
entrado aumentará de 500\$00  
aquela dádiva, lembrando agora  
o seu saudoso irmão Venâncio  
Dias Coelho, há pouco falecido  
Bem-haja, querido amigo, e  
que a muitos aproveite o belo  
exemplo que nos dá.

Na verdade, a vida sem um  
ideal nada é!

### Prof.<sup>a</sup> D. Angélica Agria

No passado dia 20 de Dezem-  
bro foi alvo de justa e significativa  
homenagem por parte dos Cole-  
gas da sede do concelho a profes-  
sora sr.<sup>a</sup> D. Angélica do Rosário  
Gonçalves Agria, recentemente  
aposentada, após quatro décadas  
de exaustivo labor em prol do  
ensino primário na freguesia e  
vila de Figueiró dos Vinhos.

Associou-se ao acto o Senhor  
Director do Distrito Escolar.

«A Regeneração» rende, por  
seu turno, as suas homenagens a  
tão distinta pedagoga a quem  
cumprimenta em transe tão ines-  
quecível da sua vida.

### Incêndio

No passado dia 29, ao cair da  
noite, registou-se em casa do sr.  
Francisco Rodrigues Ferreira,  
desta vila, um princípio de incên-  
dio a que acorreram, lesto os  
Bombeiros Voluntários e nume-  
rosos populares.

Felizmente o sinistro foi de re-  
duzidas dimensões, limitando-se  
a alguns prejuízos materiais e  
pânico adequado.

Este jornal foi visado pe-  
la Comissão de Censura

## Mercados de Suínos

Em medida acertadíssima do  
ponto de vista social e económi-  
co, foram em tempo cancelados  
os mercados e feiras de gado  
suíno, a única terapêutica então  
julgada eficaz contra a propaga-  
ção da peste suína africana, epi-  
zootia que tão grandes danos  
vem causando anualmente na  
economia do nosso lavrador, no-  
meadamente do médio, para  
quem a criação e exploração do  
*porco* constitui a única activida-  
de pecuária, susceptível de ren-  
dimento compensador.

Passou o Verão, estação em  
que a doença costuma apresentar  
maiores progressos, veio o Ou-  
tono, vamos no Inverno e o cer-  
to é que continuam proibidas as  
transacções legais e públicas da-  
queles animais, já que as clan-  
destinas, as efectuadas pelo o-  
portunista, tantas vezes inconsciente  
ou impassível quanto aos danos  
de ordem sanitária que pode  
causar à sociedade o seu comér-  
cio ilícito, essas prosseguem,  
apesar dos porfiados esforços  
das autoridades para as evitar.

Não temos capacidade para  
afirmar se é boa medida a conti-  
nuação da falta das feiras e mer-  
cados.

Isso pertence às autoridades  
veterinárias, melhor dizendo às  
altas esteras dos Serviços Pe-  
cuários.

O que não podemos calar  
mais tempo é o descontentamen-  
to reinante no pequeno agricultor  
que vê cercada a única possi-  
bilidade de refazer as depau-  
peradas finanças domésticas.

Se juntarmos a isto o precá-  
rio estado da agricultura, tradu-  
zido em enorme escassez de  
pastos devido à estiagem, e ao  
gelo, a fraca produção olivícola  
e elevado custo dos cereais, te-  
remos patente um quadro deve-  
ras impressionante: o gado não  
sai e por outro lado não há com  
que o manter.

As consequências são inevitá-  
veis: surge o recurso ao oportu-  
nista que, surgindo como *salva-  
dor*, paga o que quer para ven-  
der por quanto quer e o panora-  
ma familiar antolha-se mais ain-  
da de dificuldades e surge o  
desânimo e a descrença relativa-  
mente ao futuro.

E' verdade que o caso requer  
um estudo muito atento e minu-  
cioso para que a «emenda» não  
resulte pior que o «soneto», mas  
a passividade é a pior das atitu-  
des.

No caso particular do nosso  
concelho, não consta que tenha  
surgido qualquer surto de há  
muitos meses a esta parte, es-

tando tudo absolutamente calmo,  
mas é, naturalmente, imprescin-  
dível impedir a entrada nele de  
animais doentes com o respecti-  
vo risco de contágio.

Não seria, por exemplo, exe-  
quível a efectivação de feiras à  
escala regional, obrigando, in-  
clusivamente, os donos do gado  
a prévia vistoria sanitária com  
vista à passagem de guia válida  
*só* para o mercado do dia X? Seria  
uma solução transitória em  
escala reduzida, é certo, mas  
melhor do que nada.

Continuaria por outro lado ve-  
dada a participação dos nego-  
ciantes ambulantes até haver a  
certeza de acalmia em todo o  
País.

Mas não é apenas no proble-

Continuação na 4.ª página

## Generosa Oferta

Como em anos anteriores, di-  
gnou-se novamente a Senhora D.  
Maria Adélia Lourenço Alves Di-  
nis Ferreira, esposa extremosa do  
nosso prezado assinante e con-  
ceituado comerciante e proprie-  
tário na capital, senhor Mário  
Dinis Ferreira, contemplar com  
roupas e agasalhos algumas das  
criancinhas mais pobres da nossa  
terra.

A gentil oferta fez-se através  
da Casa da Criança.

Bem-haja Sua Ex.<sup>a</sup> e que o  
Altíssimo lhe aumente em ben-  
çãos o fulgor caritativo do seu  
coração.

## Novo assinante

Inscreveu-se assinante de «A  
Regeneração» o senhor Manuel  
dos Santos Lopes, de Lisboa,  
gentileza que muito nos sensibi-  
liza.

## Boas-Festas

A todas as Entidades,  
Colegas, Leitores, Cola-  
boradores, Amigos e  
Anunciantes que se dig-  
naram enviar-nos os  
seus cumprimentos de  
Boas Festas, endereça-  
mos grata e sensibiliza-  
da retribuição, desejan-  
do a todos um Ano No-  
vo muito próspero.

# Sejamos humanos

Arrisco-me a ser acusado de piegas, lamecha, ou coisas quejandas, mas a minha sensibilidade e o respeito que nos deve merecer a dor alheia—humana ou animal—impõe-me o dever de transpor para letra de forma as palavras que há muito se anicham na minha alma.

Comove-me, de facto, o espectáculo que todos presenciámos ou podemos presenciar em dias de mercado, no sector destinado a venda de aves e coelhos.

Os animais, enquanto aguardam a sua transacção comercial encontram-se empilhados de pernas amarradas com cordel, em canastras ou cestos não queira o demónio que algum se solte e fuja para a liberdade ansiosamente desejada como termo do seu sofrimento.

E' claro que esse alívio seria bálsamo de pouca dura pois o animal, perseguido e recapturado voltaria à situação anterior, agravada, talvez, com algumas palmadas.

Os homens são, em muitos casos, suficientemente egoístas para, fechando-se herméticamente no casulo dos seus interesses, esquecerem o dos outros seres.

Apraz-me registar aqui que ainda há, felizmente, muitos corações onde não secou a seiva da caridade! E aí do mundo se assim não fosse.

Mas retrocedamos para acrescentar que o sofrimento dos animais em questão sobre alguns pontos quando, algemados de pernas desde as primeiras horas da manhã ou, talvez, de véspera, os que vêm de longe, estão algumas horas expostos às ardências solares, torturados pela sede e fome pois lhes é negada a água e o alimento durante o tempo da exposição, sofrendo esta, principalmente nas aves, bem patente nos bicos abertos e no arfar aflito.

Nós talvez pudéssemos sentir com mais verdade a angústia das vítimas se nos concentrássemos na ideia de que, sendo Deus o seu nosso Criador, nos poderia ter dado aquela natureza.

Louvemo Lo por isso. Mas para quê este sentimento de piedade para com os animais! —perguntar-me-ão. Não lhes estará reservado um destino mais crucial qual seja o de uma morte violenta?

Sim, é verdade. Mas também, é verdade que, se o segundo supplicio é quase inevitável pela necessidade imperiosa da alimentação humana e incapacidade dos pobres bichos para se defenderem, o primeiro pode evitar-se e é humano e justo que o evitemos.

Os animais domésticos têm, pelos serviços valiosos que nos prestam, o direito de exigí-lo. De contrário, o nossa ingratidão é das que bradam ao céu.

Nestas condições, as aves e os coelhos não devem ser conduzidos ao mercado e aqui expostos de pernas amarradas, mas, sim em gaiolas ou canastas com rede para se conservarem de pé e não prostrados, posição que deve ser dolorosa.

Tenho fé em que estes hábitos se não de modificar voluntariamente porque sei que o sentimento não é, entre nós, uma palavra vã, mas uma expressão com raízes lançadas na alma figueiroense de cuja seiva se alimenta.

Se os animais vão para o mercado amarrados não é porque os seus donos sintam prazer em fazê-los sofrer, mas apenas porque já os nossos pais, os nossos avós e outros antepassados assim procediam.

E' o império da tradição, senhora que, pela sua idade profecta, cabelos brancos e obra edificante, merece o nosso respeito e veneração.

Mas, no caso presente, a humanidade exige uma desobediência. E, mais cedo ou mais tarde há-de dar-se porque as autoridades e as pessoas interessadas não deixarão de predispor o coração para obra tão meritoria.

Imitemos na estima que devemos aos animais, já que o não podemos imitar na santidade, S. Francisco de Assis para quem os entes inferiores são também seus irmãos.

Meu irmão lobo, minha irmã raposa, meu irmão leão, minha irmã pomba..., assim se exprimiu o Santo.

E S. Francisco de Assis tinha, como é óbvio, razão pois, sendo Deus Pai de todas as criaturas—homens e animais—estas são, por esse facto, irmãs entre si.

E' claro que, se a estima devida aos animais tivesse, para nós, o mérito absoluto que tem para S. Francisco de Assis, cometíamos, ao abatê-los, um crime de fratricídio.

Mas, em relação a nós, esse mérito é apenas relativo e, assim com aprovação, estou certo, do Santo, não podemos ser acusados de fratricidas mas de instrumentos ao serviço de uma imperiosa necessidade, da nossa natureza, instituída por Deus.

Não quero terminar sem expressar aqui um voto que o coração me está ditando: «que não venha longe o dia em que os processos actuais de abater os animais para abastecimento de carne possam ser amenizados no grau de crueldade que ostentam».

Índice trágicamente expressivo dessa crueldade é a morte do porco.

Alta madrugada de uma noite de Inverno, a porta do curral chia nas suas couceiras devido ao movimento de rotação que, a abertura daquela lhe imprimiu. E' que junto da porta estava formado o cortejo: à frente, a filha dos donos da casa flamante no viço e floração das suas dezasseis primaveras, segurando debaixo do braço esquerdo o alguidar e, na mão do outro, a lanterna erguida para iluminar o caminho a todos, em segundo lugar o magarefe com a corda e a faca do ofício de feito e tamanho terríficos, e nos três últimos lugares, os seus ajudantes, e a banca transportada por um deles.

A porta fora aberta pela moçoila como conhecedora dos cantos da casa. E o cortejo lá vai na sua marcha fúnebre. Demora apenas segundos porque a distância é curta.

O pobre do cevado que dormia com um justo por ausência de remorsos a acicataram lhe a consciência, acordou sobressaltado com o ruído da porta e a luz da lanterna.

Nos rancos aflitos e nos olhos espavoridos estavam bem impressas estas interrogações:

—Para que me acordaram? Que pretendem de mim a esta hora?

A dona, então, num último ges-

## Filarmonia Figueiroense

No passado dia 28 de Dezembro, efectuou-se a escolha dos corpos gerentes para 1963, com os seguintes resultados:

### Direcção

*Presidente* — Anibal Silveira Herdade; *Vice Presidente* — Manuel da Silva Pereira Roda; *Secretário* — Narciso da Conceição Santos; *Tesoureiro* — Artur dos Santos Mateus; *Director* — José da Conceição Alves; *Vogal* — Ernesto da Silva Rosalino.

### Assembleia Geral

*Presidente* — Angelo David e Silva; *Vice Presidente* — Adelino Joaquim Coelho; *1.º Secretário* — Manuel Clemente Baptista; *2.º Secretário* — António da Conceição Teixeira.

## De Arega

### Partidas

Após prolongada estadia na sua terra natal, junto de seus familiares, partiram para Moçambique as senhoras D. D. Maria Flôr Teixeira Borges e Alice Teixeira Borges.

—Seguiu também com idêntico rumo o sr. António Marques Serra.

A todos desejamos óptima viagem.

### Chegada

Vindo de Angola, já se encontra junto dos seus o nosso prezado amigo sr. José Marques de Lemos a quem cumprimentamos e desejamos feliz estadia.

### C. Assina este Jornal

to de simpatia e tristeza, passalhe a mão livre pelo dorso para afagá-lo e desfazer lhe, falsamente, o medo, falando-lhe assim:

—Russinho, meu russinho, por que estás tão assustado e aflito? Situação deveras horrível a do pobre animal!

Neste comenos, ouve-se a voz enérgica, decidida do magarefe, homem espadúdo e de coração endurecido pelo hábito:

—Rapazes, vamos a isto.

E, acto contínuo, o animal, seguro pelas orelhas, cauda e dorso, é arrastado para junto da banca, pedindo, em gritos lancinantes, compaixão aos homens que ali estavam para cumprir um serviço pouco grato, creio aos seus corações.

O cevado é içado para cima da banca onde o deitam de bruços.

O magarefe, para que o animal não possa em legítima defesa, morder alguns dos circustantes, amordaça-lhe o focinho com a corda.

Os gritos continuam abafados e comoventes.

Barbeados os pêlos em determinado ponto da papada, o magarefe aponta aí a faca e, com a força da sua mão hercúlea, embebe a lâmina polida no corpo da vítima, dirigida ao coração que atinge e rasga. O sangue jorra em ondas quentes e purpúrinas para expraiar-se, espumante, no alguidar que a moçoila segura em posição conveniente. A' medida que a vida do animal se vai esvaçando, os gritos vão se espaçando e diminuindo de intensidade. O último assinala, depois de um sofrimento atroz, o fim de uma vida.

Creio que todos nós temos coração suficientemente sensível para avaliar, em toda a sua intensidade, uma dor assim. Por isso, devemos empregar toda a nossa boa vontade e fazer alguns sacrifícios monetários para atenuar o sofrimento dos animais, fazendo uso de novos processos de matança. Estou a lembrar-me das câmaras de electrocução. Na sede ou num ponto central do concelho, seria construído um matadouro moderno com frigoríficos e câmaras de electrocução, caso se mostrassem aptas a realizar o objectivo visado. E como os transportes automóveis já vão hoje, com rapidez, a quase todos os lugares do concelho, os cevados, chegada a hora do seu sacrifício total eram ali transportados e electrocutados na respectiva câmara. Tornava-se imperiosa a aquisição de uma ou mais furgonetas para o transporte de carnes até ao seu destino. Talvez. Mas suponho que com algum sacrifício monetário por parte de todos nós, o sonho transformar-se-ia em autêntica realidade. A nossa despesa subia, é certo, mas na nossa alma, subia, também, a alegria de ver baixar uma dor. Cá ficamos, mais uma vez, confiantes em que a Câmara Municipal, saberá levar a bom termo esta obra de grande alcance humanitário.

## Falecimento

Em Vilas de Pedro, terra da sua naturalidade e residência, faleceu no dia 10 de Dezembro p.º p.º o antigo comerciante e assinante deste Jornal, sr. Augusto Antunes, casado, de 59 anos.

Deixa viúva a sra. Cesaltina Simões Borna Antunes e os seguintes filhos: Manuel Antunes Henriques, Vitalino Henriques Antunes, Ligia de Jesus Antunes, Otilia Simões Borna Antunes e Aldina Simões Borna Antunes.

O funeral, realizado para o cemitério de Campelo, foi largamente concorrido.

«A Regeneração» apresenta os seus pêsames à família enlutada.

## Reunião do Conselho Geral da F. N. A. T.

Presidida pelo Senhor Dr. Mário Madeira, teve lugar na sede da F. N. A. T. a reunião ordinária do seu Conselho Geral.

A reunião teve por finalidade, o exame e a votação do 2.º Orçamento Suplementar para o corrente ano e do Orçamento Ordinarário para 1963.

O Presidente da Direcção, Dr. Bento Parreira do Amaral, fez uma exposição, focando as verbas apresentadas nas várias rubricas e que traduzem pensamento que norteia a Direcção no sentido de desenvolver sempre, cada vez mais, a obra já levada a cabo, com especial relevo para os sectores cultural, desportivo e de férias para trabalhadores.

## Anúncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

2.ª publicação

### Arrematação de Prédios

No dia 15 do próximo mês de Janeiro, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Figueiró dos Vinhos, na Execução de Sentença que corre pela Secretaria do mesmo Tribunal, e em que é exequente Francisco das Neves Esteves, casado, comerciante, residente em Pombal, e executados José Henriques de Matos e mulher Ilda de Assunção Abreu, residentes em Vila Franca de Xira, serão postos em praça pela PRIMEIRA VEZ para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor adiante indicado, os seguintes prédios apreendidos àqueles executados:

#### Primeiro

«Uma casa de habitação sita no lugar das Casas Velhas, freguesia de Campelo, que parte do nascente com Maria Leopoldina Henriques, poente com Geraldo Simões, norte com a rua e sul com Maria Leopoldina; inscrita na respectiva matriz sob o art.º 701, com o valor matricial corrigido pelo qual vai à praça de 552\$00

#### Segundo

«Uma casa de habitação sita no mesmo lugar de Casas Velhas, dita freguesia de Campelo, que parte do nascente e norte com a rua pública, poente com Abel Lopes e sul com Manuel Mendes; inscrita na respectiva matriz sob o art.º 708 com o valor matricial corrigido e pelo qual vai à praça de 408\$00

Figueiró dos Vinhos, 12 de Dezembro de 1962

O Escrivão de Direito,

(*Américo Castanheira*)  
Verifiquei:

O Juiz de Direito,

(*Vassanta Parobo Tamba*)

Jornal «A Regeneração» N.º 1058  
de 1 de Janeiro de 1963

## Guarda-Livros

### OFERECE-SE

Longa prática de todo o serviço de escritório. Vai para qualquer localidade. Dá referencias. Resposta a esta Redacção.

## Vendem-se

em Tomar junto da Estrada Nacional morada com muitas árvores de fruto, poço, tanque de rega e vivenda com 7 divisões, marquize e casa de banho completa.

Trata o próprio no local Alvão n.º 5 Tomar ou Vergílio das Dolores Abreu—Figueiró dos Vinhos.

*José Rodrigues Dias*

# Moagem de Cereais

## Eléctrica

Equipada com 2 casais de Mós

Grande rendimento — Economia — Óptimo local

(Junto à Sonap)

**ALUGA-SE** a pessoa que dê boas referências

Por motivo de o seu proprietário não poder estar à testa.

*Informa este Jornal*

## O MELHOR Pão-de-Ló

É O DA

### Confeitaria Santa Luzia

DE *A. C. Campos*

Telefone 129

Figueiró dos Vinhos

## ÁFRICA

### Marcações Rápidas

Basta o Bilhete de Identidade e Atestado de Vacina

TRATA A  BAV

Barreiros-Agência de Viagens, L.da

Rua Palmira, 33 - F — Telef. 842410 - Lisboa  
Avenida Torres Pinheiro, 104 — Telef. 32275 - Tomar

Em Figueiró dos Vinhos

**ANTERO DA CONCEIÇÃO BARREIROS**

## TERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de  
Casamentos  
e Baptizados  
Preços especiais

**BILHARES**

Figueiró dos Vinhos

## Pinhais

Vendem-se

Bitoiro e Ribeiro Godinho (Pinhal à Recta e Pinhal do Araújo). Aceitam-se propostas. Respostas a este Jornal.

## Garrafas

Vendem-se 2.000

Aceitam-se propostas. Mostra Gustavo Carvalho, Figueiró dos Vinhos.

XXXXXXXXXXXXX

## Volkswagen

Vende-se em bom estado. Nesta Redacção se informa.

## Vende-se

Furgoneta fechada Opel HG-21 22 Trata:—José Pedro dos Santos, nesta vila.

## Vende-se

Prédio na Amadora

Rendimento de 141.000\$00

13 inquilinos

Faltam só três inquilinos para o prédio estar todo alugado.

Boa situação junto à Estação do Caminho de Ferro.

Preço **2.100.000\$00**

Construção moderna com bons acabamentos.

Nesta redacção se informa.

## Aluga-se

Estabelecimento de Café com as suas dependências e boas conveniências.

Nesta Redacção se informa.

## Propriedade

Vende-se

a 3 kms. de Figueiró dos Vinhos, à beira da estrada de Pedrógão Grande, composta de terra de sementeira, videiras, oliveiras, mato e pinheiros.

Resposta a António Campos — Figueiró dos Vinhos.

## Vende-se

Casa composta de loja, sobrado e sótão, com quintal e oliveiras ao Mártir S. Sebastião, na estrada do Ribeiro Travesso.

Trata: Manuel Simões Fidalgo Júnior, em Figueiró dos Vinhos; ou Augusto dos Santos Angelo, em Agria Grande.

## Austin A-40

Vende-se em bom estado de funcionamento.

Informa Auto Mecânica de Figueiró dos Vinhos.

## Vende-se

Em Vale das Zebras—Figueiró dos Vinhos—grande extensão de pinhal e eucaliptos.

Tratar com Herdeiros de Domingos Ferreira de Carvalho.



Diploma honroso e Medalha d'Ouro na Exposição Agrícola e Industrial de Leiria, que teve lugar em Setembro de 1916

MARCA REGISTRADA

Foi sempre o melhor desde 1890...

e ainda não deixou de o ser!...

Telefone P. P. C. 50

**FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

## Luís Frias Fernandez

CLINICA GERAL

~~~~~

TELEFONE 88

*Figueiró dos Vinhos*



Barreiros Agência de Viagens, L.da

Av. Torres Pinheiro, 104—Telefone 32275—TOMAR

Rua Palmira, 33-F—Telefone 842410—LISBOA

Passagens aéreas marítimas e terrestres

Reserva de Hotéis no País e Estrangeiro

Excursões

Passaportes: vistos, revalidações, individuais e colectivos

Informações sobre o Turismo Nacional e Internacional

## Tipografia Figueiroense

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Confiar os seus serviços a esta casa é ter a certeza de ser bem servido e aos melhores preços

Rapidez — Perfeição — Seriedade

SÃO TIMBRE DA

**TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE**

Rua Major Neutel de Abreu

**FIGUEIRO DOS VINHOS**

TELEFONE 15

# Uma situação inquietante

## Aguda e a Electrificação

Há pouco mais de um ano tudo parecia encaminhar-se para que a tão desejada electricidade ficasse em Aguda, em 1961 ou, o mais tardar, em 1962.

Ao clarear o ano que agora findou saudámo-lo e naquela saudação iam os nossos votos para que o 1962 fosse o portador até nós de um raio de luz, a fim de arrancar a nossa terra às trevas em que há longos anos se encontra mergulhada.

Assim no-lo prometeram, assim o esperamos.

Mas, triste é dizê-lo e constá-lo, o 1962 findou como terminara o 61 e hoje, olhando para trás, os Agudenses vêem naquele dia primaveril 16 de Maio de 1960 mais uma sessão de fogo de vista a que, aliás, já estávamos habituados.

Infelizmente as dificuldades que há cerca de três anos segundo dizem vêm impedindo a realização de tão ambicionado melhoramento, no momento em que os Agudenses contavam já estar solucionado este magno problema da luz, que vem arrastando há mais de 15 anos, continuam a exercer a sua acção perniciosa sobre um empreendimento a que a que Aguda tem inquestionável direito.

Quando a nós, durante algum tempo alimentámos certa esperança; hoje temos de dizer que o período de esperança acabou, pois estamos convencidos que novas contrariedades não de surgir, umas após outras.

São pois sombrias as perspectivas em matéria de electrificação, caímos de novo neste estado de coisas, mas uma coisa é absolutamente certa: sempre que se trate do bem comum, continuaremos lutando nas colunas deste e de outros jornais, por este melhoramento, hoje justamente considerado indispensável ao progresso e desenvolvimento dos povos.

Como filho de Aguda, não temos neste caso outra posição que não seja a de insistir pela electrificação da nossa terra, porque assim servimos a maior e mais legítima aspiração dos Agudenses.

Não somos nós que a pedimos. Não! Já aqui o dissemos; é o bem geral de uma freguesia que no-lo exige. É um povo que há mais de quinze anos o vem reclamando.

Nós, como Agudenses, apenas fazemos parte do grupo sofredor. Haverá na hora presente maior necessidade a solucionar dentro do concelho?

Creemos que não! Neste ambiente e sobre esta tela de fundo de novo nos encontramos em presença do problema da electrificação.

Ainda não há muito tempo o grande órgão da Imprensa Diária que é «O Século», referindo-se à electrificação rural, em editorial, dizia:

«A electrificação é hoje um elemento indispensável na vida de uma nação. Além da decisiva importância que tem no progresso industrial e no funcionamento de muitas outras actividades como seja, por exemplo, as indústrias complementares da agricultura, contribui para a comodidade e conforto de todas as classes da

população.

Com este conceito certamente o o Governo se lançou em 1944, nos grandes aproveitamentos hidroeléctricos e com tamanho êxito que a produção, segundo os técnicos na matéria, já excede a capacidade de consumo do País, mesmo se em breve aumentar o número de consumidores.

Simplesmente, no capítulo da electrificação rural, a máquina emperrou. Já desde 1940 o Governo concedia participações para aquele fim, mas esbarrava-se com as dificuldades que os órgãos administrativos tinham em suportar a parte que lhes correspondia nas despesas.

A electrificação rural continuou, mas em ritmo enervante, justificando grandes clamores.

Em consequência destes, opareceu a Lei n.º 2075, de 21 de Maio de 1955, e o seu decreto regulamentar, logo no mês seguinte, ampliando consideravelmente a concessão de participações estaduais às autarquias locais que pretendessem electrificar as freguesias e povoações das suas áreas.

Mas o problema da insuficiência de recursos financeiros daquelas autarquias manteve-se, e o Governo foi então muito mais longe, inscrevendo no II Plano de Fomento uma verba de 300.000 contos para electrificação rural, a despendir em parcelas anuais de 50.000 contos.

Leitor amigo, disto se conclui que nem só os habitantes das grandes cidade ou vilas têm direito ao benefício da energia eléctrica; os das freguesias rurais são também portuguesa.

E' que a electricidade tomou uma expansão tal que hoje chega a constituir verdadeiro crime negá-la ou não transportá-la onde quer que os povos a reclamam como elemento de trabalho e de comodidade.

Aguda não pode progredir nem ter um nível de vida aceitável, enquanto não tiver energia eléctrica, enquanto esta «milagrosa» alavanca do progresso que há mais de quinze anos passa sobre os seus telhados não lhes bater à porta e não entrar em suas casas fomentando o comércio e a indústria.

Aguda, há pouco mais de dois anos, viu electrificar Mações de D. Maria, a dois passos daqui, pertença do concelho de Alvaizere; ainda não há muitos meses assistimos à electrificação da sede de freguesia da Cumieira e dos lugares de Caneve e Venda das Figueiras, da mesma freguesia, aqui ao lado, do concelho de Penela. Hoje citamos apenas as freguesias de Mações e Cumieira, e não das vizinhas e progressivas freguesias de Avelar e Chão de Couce, onde a electricidade já chegou às isoladas casas agrícolas. Estas freguesias do concelho de Ausiã fornecem-nos não elementos para novos artigos e novos reparos sobre electrificação rural no nosso concelho, que tencionamos trazer a lume à medida que as intermináveis dificuldades forem adiando a grande e inadiável aspiração dos habitantes do nosso concelho.

Então, os nossos leitores não-de, por certo, chegar à conclusão de que ali não se promete

## Uma Estrada da maior projecção regional e nacional

Continuação da primeira página

atravessando uma região altamente pitoresca e saudável com clima de meia altitude perfumado pelas essências do pinheiro, eucalipto e rosmaninho, onde já há lugares de grande atracção como a Pousada-Sanatório do ilustre professor Dr. Bacalhau, que será, dizem-nos, a primeira do País e a ermida de São João da Serra, mirante natural duma região de sonho, levaria o visitante à descoberta de novos e valiosos locais de atracção que os há por lá em profusão, autêntico paraíso de pintores.

Numa palavra, trata-se duma obra de certa envergadura, mas absolutamente necessária ao desenvolvimento duma região fértil e pitoresca onde é, no entanto, cada vez mais difícil a fixação, ante o panorama de abandono que cerca os seus indígenas, afastados da civilização e que vêem, inclusivamente, no Verão arder casas e haveres por não disporem de acesso transitável para eventuais socorros; isto para não falar já da dificuldade que têm em fazer afluir às Feiras os produtos agrícolas conseguidos à custa de indescritíveis canseiras e tormentos. Assim, natural é que se tornem bisonhos e tatalistas aqueles que escapam ao chamariz tão prejudicial à Nação que é o êxodo rural.

Unam-se boas vontades e, oxalá, vejamos em breve resolvido tão magno problema.

## Mercados de Suínos

Continuação da 1.ª página

ma da hora presente que é preciso meditar; outro tanto urge fazer em atenção ao futuro. Com orgulho o podemos afirmar, a ciência portuguesa descobriu uma vacina eficaz contra a terrível doença. Pois que se obriguem todos os criadores a vacinar o seu gado, como se de canídeo se tratasse.

Pesadas sanções a quem não pudesse comprovar a todo o tempo o cumprimento do seu dever, prova essa que teria de ser infalível, um selo por exemplo.

Concluindo: que algo se faça, tendo em vista primariamente o bem público, mas não descurando de modo algum os legítimos interesses duma classe que, sendo modesta, merece como nenhuma outra o auxílio do Estado.

Fazemos votos por que este eco chegue às digníssimas entidades pecuárias, não só distritais mas também nacionais.

realiza-se, enquanto Aguda, em noites escuras, resignadamente, parece contentar-se com o brilho diamantino das estrelas e com o esplendor dos reflexos da iluminação de todas as freguesias à sua volta.

C.

# CASAMENTOS

Celebrou-se na Sé Catedral de São Tomé, no dia 10 de Novembro p.º p.º, o casamento da senhora D. Maria Amélia Ferreira Nunes, distinta funcionária dos C. T. T., filha da senhora D. Maria do Carmo Nunes e do senhor António Ferreira da Silva, chete das Oficinas da Imprensa Nacional desta Província, com o Furriel Miliciano da Polícia Militar, senhor António Martins Vaz, filho da Senhora D. Jorgelina Pereira Martins Vaz e do sr. António Magno Vaz.

Foram padrinhos, por parte da noiva, os senhores Celestino Ferreira dos Santos e sua esposa, a irmã da noiva, Senhora D. Isabel Ferreira Nunes dos Santos; e por parte do noivo, o Furriel Miliciano da Polícia Militar, senhor José Fernando Moreira Araújo e a Senhora D. Maria de Lurdes Nunes Ferreira, também irmã da noiva.

Foi celebrante o Vigário Geral, Rev.º Padre Francisco Vaz.

Os nubentes, que gozam da simpatia e apreço de todas as classes sociais da Ilha, viram-se rodeados de imensos amigos que acorreram a compartilhar da sua felicidade: Oficiais do Exército, Funcionários e muitas Senhoras da melhor sociedade local, O «Copo-de-A'gua», abundantemente servido, realizou-se no grande Salão do Aéro-Clube de São Tomé, que estava vistosamente decorado para o efeito. Na «corbeille» viam-se muitas e preciosas prendas que são bem o testemunho da simpatia de que gozam os felizes noivos a quem desejamos as maiores venturas.

## Cartas ao Director

Ex.º Director de

«A Regeneração»

Figueiró dos Vinhos

Tem V. Ex.ª, e por várias vezes, nas colunas de «A Regeneração» pugnado pelos interesses locais das populações que constituem o concelho de Figueiró dos Vinhos. Que Deus o ajude nessa Santa Cruzada.

Hoje é a população do lugar da Póvoa de Campelo que se dirige a V. Ex.ª, rogando-lhe, que por intermédio de «A Regeneração», a sua voz chegue aos poderes públicos competentes, acerca do péssimo estado de conservação em que, desde há muito tempo, se encontra a canalização da conduta de água para abastecimento público da povoação, assim como o respectivo depósito de reserva, privando a população do necessário abastecimento, visto que o veio já não chega ao destino, obrigando a abastecerem-se no local primitivo. E' de lamentar, tanto mais que foi obra dispendiosa para os fundos públicos e particulares.

O grande inconveniente que daqui resulta para os humildes mas honrados contribuintes do Estado, naturais da Póvoa merece que urgentes providências sejam levadas a efeito, no sentido de ser atendido o rogo da população que, reconhecidamente, agradece a V. Ex.ª a «A Regeneração», e às digníssimas entidades competentes.

Os naturais da Póvoa julgam-se nos mesmos direitos dos povos onde o progresso se tem vindo fazendo sentir e não no de retroceder como lhe está sucedendo com o abastecimento do

No dia 30 de Dezembro, último, pelas 14 horas, realizou-se o enlace matrimonial da menina, Adília Mendes Lima, filha da sr.ª D. Aldara Mendes Cunha, já falecida, e do sr. João Dias Lima, com seu primo, o sr. Vitor Jorge Dias Camoezas, filho da sr.ª D. Rosa Dias Camoezas e do sr. António Ovidio Camoezas, já falecido.

O acto religioso foi realizado na igreja matriz de Figueiró dos Vinhos pelo reverendo pároco Belarmino Soeiro, e apadrinhado por parte da noiva, pela sr.ª D. Maria Magna da Conceição Meideiros e sr. João Marques Meideiros, primos da noiva e residentes em S. Tomé, presente em gozo de férias nesta vila; e, por parte do noivo, pelos seus primos, sr.ª D. Auzenda da Conceição Jorge Lopes e tenente sr. Vitor Manuel Camoezas, comandante interino da companhia da Guarda Nacional Republicana com sede em Beja.

Após as cerimónias religiosas indicadas o celebrante dirigiu uma prédica aos noivos com que lhes indicou os deveres e responsabilidades, contraídos pelo contrato nupcial mutuamente sancionado.

Depois do acto religioso, organizou-se um luzido cortejo de automóveis que conduziu os noivos, as pessoas de família, os padrinhos e convidados em número aproximado de 150, ao salão paroquial onde lhes foi oferecido um luto banquete.

Aos brindes, fizeram uso da palavra os sr.ªs Padre Belarmino Soeiro, Prof. José Rodrigues Dias, Horácio Lopes, menina, Elvira de Jesus Camoezas, José Mendes Lima, José da Conceição Simões e Jorge da Silva Telhada Lopes.

Nas palavras de todos os oradores, ficou bem vincada esta nota: o carácter e qualidades de trabalho dos noivos, penhores seguros de que a sua vida em comum será risonha, próspera e feliz.

A banda municipal teve o gesto simpático de comparecer também no salão paroquial para saudar os noivos e encantar a assistência com alguns números do seu bem ensaiado repertório.

«A Regeneração» cumprimenta o nóvel casal e deseja-lhe as maiores felicidades.

## Vendem-se

Propriedades de Mato com área para plantação de 4.000 a 5.000 eucaliptos e terras de rega.

Prédios sítos em Moninhos Fundeiros.

Vendem-se também 15 colmeias.

Quem pretender dirija-se a Altino Alves de Jesus—Aldeia de Ana de Aviz—Figueiró dos Vinhos.

precioso líquido, caminhos públicos, etc.

Eu, como assinante e leitor de «A Regeneração», tomo a liberdade de em nome da população da minha terra agradecer a V. Ex.ª, a publicação destas linhas.

Lisboa 18 de Dezembro de 1962.

De V. Ex.ª

Joaquim Rodrigues